

DISCUSSÕES INTERDISCIPLINARES NO CAMPO DAS CIÊNCIAS SOCIAIS APLICADAS 2

**CARLOS ANTONIO DE SOUZA MORAES
(ORGANIZADOR)**



Atena
Editora

Ano 2020

DISCUSSÕES INTERDISCIPLINARES NO CAMPO DAS CIÊNCIAS SOCIAIS APLICADAS 2

**CARLOS ANTONIO DE SOUZA MORAES
(ORGANIZADOR)**



Atena
Editora

Ano 2020

2020 by Atena Editora

Copyright © Atena Editora

Copyright do Texto © 2020 Os autores

Copyright da Edição © 2020 Atena Editora

Editora Chefe: Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira

Diagramação: Geraldo Alves

Edição de Arte: Lorena Prestes

Revisão: Os Autores



Todo o conteúdo deste livro está licenciado sob uma Licença de Atribuição *Creative Commons*. Atribuição 4.0 Internacional (CC BY 4.0).

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores. Permitido o download da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

Conselho Editorial

Ciências Humanas e Sociais Aplicadas

Profª Drª Adriana Demite Stephani – Universidade Federal do Tocantins
Prof. Dr. Álvaro Augusto de Borba Barreto – Universidade Federal de Pelotas
Prof. Dr. Alexandre Jose Schumacher – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Mato Grosso
Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Antonio Gasparetto Júnior – Instituto Federal do Sudeste de Minas Gerais
Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília
Prof. Dr. Carlos Antonio de Souza Moraes – Universidade Federal Fluminense
Prof. Dr. Constantino Ribeiro de Oliveira Junior – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Cristina Gaio – Universidade de Lisboa
Profª Drª Denise Rocha – Universidade Federal do Ceará
Prof. Dr. Deyvison de Lima Oliveira – Universidade Federal de Rondônia
Prof. Dr. Edvaldo Antunes de Farias – Universidade Estácio de Sá
Prof. Dr. Eloi Martins Senhora – Universidade Federal de Roraima
Prof. Dr. Fabiano Tadeu Grazioli – Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões
Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná
Profª Drª Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionale delle Figlie di Maria Ausiliatrice
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense
Profª Drª Keyla Christina Almeida Portela – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Mato Grosso
Profª Drª Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Marcelo Pereira da Silva – Universidade Federal do Maranhão
Profª Drª Miranilde Oliveira Neves – Instituto de Educação, Ciência e Tecnologia do Pará
Profª Drª Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Rita de Cássia da Silva Oliveira – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Sandra Regina Gardacho Pietrobon – Universidade Estadual do Centro-Oeste
Profª Drª Sheila Marta Carregosa Rocha – Universidade do Estado da Bahia
Prof. Dr. Rui Maia Diamantino – Universidade Salvador
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. William Cleber Domingues Silva – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

Ciências Agrárias e Multidisciplinar

Prof. Dr. Alexandre Igor Azevedo Pereira – Instituto Federal Goiano
Prof. Dr. Antonio Pasqualetto – Pontifícia Universidade Católica de Goiás
Profª Drª Daiane Garabeli Trojan – Universidade Norte do Paraná

Profª Drª Diocléa Almeida Seabra Silva – Universidade Federal Rural da Amazônia
Prof. Dr. Écio Souza Diniz – Universidade Federal de Viçosa
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Fágner Cavalcante Patrocínio dos Santos – Universidade Federal do Ceará
Profª Drª Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Prof. Dr. Júlio César Ribeiro – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Profª Drª Lina Raquel Santos Araújo – Universidade Estadual do Ceará
Prof. Dr. Pedro Manuel Villa – Universidade Federal de Viçosa
Profª Drª Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará
Profª Drª Talita de Santos Matos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Tiago da Silva Teófilo – Universidade Federal Rural do Semi-Árido
Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas

Ciências Biológicas e da Saúde

Prof. Dr. André Ribeiro da Silva – Universidade de Brasília
Profª Drª Anelise Levay Murari – Universidade Federal de Pelotas
Prof. Dr. Benedito Rodrigues da Silva Neto – Universidade Federal de Goiás
Prof. Dr. Edson da Silva – Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri
Profª Drª Eleuza Rodrigues Machado – Faculdade Anhanguera de Brasília
Profª Drª Elane Schwinden Prudêncio – Universidade Federal de Santa Catarina
Prof. Dr. Ferlando Lima Santos – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria
Prof. Dr. Igor Luiz Vieira de Lima Santos – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. José Max Barbosa de Oliveira Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Profª Drª Magnólia de Araújo Campos – Universidade Federal de Campina Grande
Profª Drª Mylena Andréa Oliveira Torres – Universidade Ceuma
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federaci do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Paulo Inada – Universidade Estadual de Maringá
Profª Drª Vanessa Lima Gonçalves – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande

Ciências Exatas e da Terra e Engenharias

Prof. Dr. Adélio Alcino Sampaio Castro Machado – Universidade do Porto
Prof. Dr. Alexandre Leite dos Santos Silva – Universidade Federal do Piauí
Prof. Dr. Carlos Eduardo Sanches de Andrade – Universidade Federal de Goiás
Profª Drª Carmen Lúcia Voigt – Universidade Norte do Paraná
Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Fabrício Menezes Ramos – Instituto Federal do Pará
Prof. Dr. Juliano Carlo Rufino de Freitas – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. Marcelo Marques – Universidade Estadual de Maringá
Profª Drª Neiva Maria de Almeida – Universidade Federal da Paraíba
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista

Conselho Técnico Científico

Prof. Msc. Abrãao Carvalho Nogueira – Universidade Federal do Espírito Santo
Prof. Msc. Adalberto Zorzo – Centro Estadual de Educação Tecnológica Paula Souza
Prof. Dr. Adailson Wagner Sousa de Vasconcelos – Ordem dos Advogados do Brasil/Seccional Paraíba
Prof. Msc. André Flávio Gonçalves Silva – Universidade Federal do Maranhão
Profª Drª Andreza Lopes – Instituto de Pesquisa e Desenvolvimento Acadêmico
Profª Msc. Bianca Camargo Martins – UniCesumar
Prof. Msc. Carlos Antônio dos Santos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Msc. Cláudia de Araújo Marques – Faculdade de Música do Espírito Santo
Prof. Msc. Daniel da Silva Miranda – Universidade Federal do Pará
Profª Msc. Dayane de Melo Barros – Universidade Federal de Pernambuco

Prof. Dr. Edwaldo Costa – Marinha do Brasil
 Prof. Msc. Eliel Constantino da Silva – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita
 Prof. Msc. Gevair Campos – Instituto Mineiro de Agropecuária
 Prof. Msc. Guilherme Renato Gomes – Universidade Norte do Paraná
 Prof^a Msc. Jaqueline Oliveira Rezende – Universidade Federal de Uberlândia
 Prof. Msc. José Messias Ribeiro Júnior – Instituto Federal de Educação Tecnológica de Pernambuco
 Prof. Msc. Leonardo Tullio – Universidade Estadual de Ponta Grossa
 Prof^a Msc. Lilian Coelho de Freitas – Instituto Federal do Pará
 Prof^a Msc. Liliani Aparecida Sereno Fontes de Medeiros – Consórcio CEDERJ
 Prof^a Dr^a Lívia do Carmo Silva – Universidade Federal de Goiás
 Prof. Msc. Luis Henrique Almeida Castro – Universidade Federal da Grande Dourados
 Prof. Msc. Luan Vinicius Bernardelli – Universidade Estadual de Maringá
 Prof. Msc. Rafael Henrique Silva – Hospital Universitário da Universidade Federal da Grande Dourados
 Prof^a Msc. Renata Luciane Polsaque Young Blood – UniSecal
 Prof^a Msc. Solange Aparecida de Souza Monteiro – Instituto Federal de São Paulo
 Prof. Dr. Welleson Feitosa Gazel – Universidade Paulista

**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(eDOC BRASIL, Belo Horizonte/MG)**

D611 Discussões interdisciplinares no campo da ciências sociais aplicadas
2 [recurso eletrônico] / Organizador Carlos Antonio de Souza
Moraes. – Ponta Grossa, PR: Atena Editora, 2020.

Formato: PDF

Requisitos de sistemas: Adobe Acrobat Reader

Modo de acesso: World Wide Web

Inclui bibliografia

ISBN 978-85-7247-946-2

DOI 10.22533/at.ed.461202101

1. Ciências sociais. 2. Investigação científica. 3. Pesquisa social.
I. Moraes, Carlos Antonio de Souza.

CDD 300.72

Elaborado por Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422

Atena Editora
 Ponta Grossa – Paraná - Brasil
www.atenaeditora.com.br
contato@atenaeditora.com.br

APRESENTAÇÃO

A Obra “Discussões Interdisciplinares no Campo das Ciências Sociais Aplicadas” objetiva promover o debate científico através de problematizações totalizando 50 capítulos. De forma geral, a obra tem, predominantemente como linha condutora, o tema da desigualdade social e das políticas públicas. A desigualdade abordada, em alguns capítulos, a partir do debate em espaços urbanos e rurais, problematizando nestes espaços, a participação de sujeitos sociais, com destaque para as mulheres, assistentes sociais, profissionais de educação, estudantes, trabalhadores rurais, homossexuais, imigrantes, dentre outros. Tais estudos foram desenvolvidos em instituições de ensino e pesquisa de diferentes regiões do Brasil, que apresentam análises pautadas em relevância acadêmica e impacto social, possibilitando-nos sua categorização em 2 volumes e 10 blocos, a saber:

O primeiro bloco do volume 1, compreendido entre o capítulo 01 e 09, problematiza a desigualdade social, as migrações contemporâneas e as políticas públicas; o segundo, organizado entre os capítulos 10 e 14 aborda temas vinculados ao trabalho precário, suas implicações para a saúde dos trabalhadores, além do exercício profissional de assistentes sociais em hospital. Posteriormente, o bloco 03, problematiza, entre os capítulos 15 e 19, a violência obstétrica, sexual, psicológica e física sofrida por mulheres, bem como, aborda, a qualidade de vida de estomizados. O bloco 04 discute, entre os capítulos 20 e 23, a gestão estratégica e o diagnóstico organizacional centrados no reconhecimento institucional, na eficiência administrativa e no capital psicológico.

O bloco 05 do volume 2, compreendido entre os capítulos 01 e 12 apresenta significativas contribuições sobre o debate da cidade, do planejamento urbano, da mobilidade urbana e da segurança pública. O bloco 06 aborda, entre os capítulos 13 e 16, o rural, as práticas e a produção agrícola. O bloco 07, compreendido entre os capítulos 17 e 18, discute a agroindústria e o agronegócio da avicultura; O bloco 08, problematiza entre os capítulos 19 e 23, elementos vinculados a educação básica, ao ensino médio, técnico e superior. Posteriormente, o bloco 09 apresenta, entre os capítulos 24 a 26, estudos que mediam o debate da educação com a cultura, além daqueles relacionados à arte, a diplomacia midiática e o jornalismo internacional; Por fim, o bloco 10, organizado no capítulo 27, recorre a sociologia da arte, para reconstruir a trajetória de juventude do poeta e intelectual, Ferreira Gullar.

Para construção dos capítulos, metodologicamente, os autores recorreram a pesquisas bibliográficas, empíricas, estudos de caso, dentre outros, a fim de contribuir para descortinar aparências e fundamentar o conhecimento de todos aqueles que se interessam pelos temas ora apresentados.

Por fim, o livro que o leitor tem em mãos, merece sua leitura atenta e cuidadosa,

capaz de germinar novas perguntas de pesquisa e contribuir para construção de novos tempos, por meio do enfrentamento da desigualdade social e do fortalecimento da democracia, da justiça social, dos direitos humanos, da política pública e do empenho no enfrentamento da violência e da discriminação, temas abordados ao longo deste volume e que nos desafiam para a tarefa de repensar o mundo.

Carlos Antonio de Souza Moraes

SUMÁRIO

CAPÍTULO 1	1
GENERALIDADES DEPOIS DO MOVIMENTO MODERNO: PÓS-MODERNISMO E SUAS VERTENTES	
Eduarda Dal Forno Osmari Eduarda Wernz Lagreca Pereira Hellena Mengue Nogueira Pâmela Santanna Motta Gularte Thalia Pacheco Silva Fernanda Peron Gaspary	
DOI 10.22533/at.ed.4612021011	
CAPÍTULO 2	8
O PLANO DIRETOR ESTRATÉGICO DE SÃO PAULO E OS DESAFIOS PARA A DEMOCRACIA NA METRÓPOLE NA PERIFERIA DO CAPITALISMO	
Jacques Iatchuk	
DOI 10.22533/at.ed.4612021012	
CAPÍTULO 3	23
SISTEMA PARA PREVENÇÃO DE INCIDENTES DE SEGURANÇA PÚBLICA: CONSTRUINDO CIDADES INTELIGENTES	
Fernando Posser Pinheiro Tháisa Leal da Silva	
DOI 10.22533/at.ed.4612021013	
CAPÍTULO 4	33
ANÁLISE DA MOBILIDADE URBANA NÃO MOTORIZADA NA ÁREA CENTRAL DA CIDADE DE PATOS, PARAÍBA, BRASIL	
Alexandre Augusto Bezerra da Cunha Castro Andreza de Medeiros Batista Ane Francisca Lima de Oliveira Ana Caroline Fernandes Caldas Daniel de Oliveira Figueiredo	
DOI 10.22533/at.ed.4612021014	
CAPÍTULO 5	51
USO DA SINTAXE ESPACIAL COMO FERRAMENTA PARA ELABORAÇÃO DE UM PROJETO PAISAGÍSTICO PARA A CIDADE DE PATOS, PARAÍBA, BRASIL	
Alexandre Augusto Bezerra da Cunha Castro Danniely Alves Benício Borges Allanna Rayssa Almeida Fonseca Lawanda Laurentino Ferreira Matheus da Silva Ribeiro Nariaelly Rodrigues Escarião da Silva	
DOI 10.22533/at.ed.4612021015	
CAPÍTULO 6	65
PERCEPÇÃO AMBIENTAL NA GESTÃO DE ESPAÇOS PÚBLICOS: PRAÇA MIGUEL ABRÃO (ANTIGA PRAÇA PAULO DE FRONTIM) MUNICÍPIO DE NILÓPOLIS/RJ	
Yasmin Rodrigues Gomes	

CAPÍTULO 7 74

**APLICAÇÃO DO MÉTODO SWOT EM UM PARQUE VERDE URBANO COMO
SUBSÍDIO PARA ELABORAÇÃO DE PLANOS DE AÇÃO**

Emerson Machado de Carvalho
Ana Paula Lemke
Rosilda Mara Mussury

DOI 10.22533/at.ed.4612021017

CAPÍTULO 8 88

PANORAMA DO *GREENWASHING* NO COMÉRCIO VIRTUAL BRASILEIRO

Romari Alejandra Martinez Montano
Rodrigo Moraes Haun
Lucas Santana Santos

DOI 10.22533/at.ed.4612021018

CAPÍTULO 9 100

**DIVERSIDADE FLORÍSTICA UTILIZADA NA ARBORIZAÇÃO URBANA DO BAIRRO
SANTA CLARA, MUNICÍPIO DE SANTARÉM-PARÁ**

Marina Gabriela Cardoso de Aquino
Jaiton Jaime das Neves Silva
Wallace Campos de Jesus
Ademir Gonçalves Ficagna
Pedro Ives Sousa
Mayra Piloni Maestri
Francimary da Silva Carneiro
Larissa D'Arace

DOI 10.22533/at.ed.4612021019

CAPÍTULO 10 106

**ANTEPROJETO ARQUITETÔNICO DE RESIDÊNCIA PARA IDOSOS NA CIDADE
DE PATOS-PB**

Diana de Souza Santos
Marcella Viana Portela de Oliveira Cunha

DOI 10.22533/at.ed.46120210110

CAPÍTULO 11 122

**A COMUNICAÇÃO NO “MERCADO SUL VIVE!”, TAGUATINGA – DF: OBSERVAÇÃO
E ANÁLISE DA ESTÉTICA DE COMUNICAÇÃO VISUAL LOCAL**

Rodrigo de Oliveira Rodrigues
Cezar Augusto Camilo Silva
Ursula Betina Diesel

DOI 10.22533/at.ed.46120210111

CAPÍTULO 12 130

RE (EXISTIR): O ENCONTRO COM O CONGADO MINEIRO

Nayara Cristina Almeida
Adilson Siqueira
Rhaysa Jacob Caroline Santos

DOI 10.22533/at.ed.46120210112

CAPÍTULO 13	140
PRINCIPAIS GARGALOS, POTENCIALIDADES E PERSPECTIVAS DA CADEIA PRODUTIVA DA CASTANHA-DO-BRASIL (<i>BERTHOLLETIA EXCELSA</i> H. B. K) COLETADA NA RESERVA BIOLÓGICA DO RIO TROMBETAS, ORIXIMINÁ, PARÁ, BRASIL	
Carlos Adriano Siqueira Picanço Reinaldo Corrêa Costa	
DOI 10.22533/at.ed.46120210113	
CAPÍTULO 14	158
PROCESSO DE PRODUÇÃO DO ABACAXI: UM ESTUDO EM TANGARÁ DA SERRA-MT	
Rita Camila Keserle de Oliveira Willian Krause Cleci Grzebieluckas Adelice Minetto Sznitowski	
DOI 10.22533/at.ed.46120210114	
CAPÍTULO 15	174
VIABILIDADE ECONÔMICA DA TERMINAÇÃO DE BOVINOS EM CONFINAMENTOS NO ESTADO DE SÃO PAULO	
Kaio Expedito Rodrigues Queiroz Janderson Damaceno dos Reis André Rozemberg Peixoto Simões	
DOI 10.22533/at.ed.46120210115	
CAPÍTULO 16	186
TRANSMISSÃO DE PREÇOS DOS INSUMOS PARA A CARNE SUÍNA: ANÁLISE COM REGIME SWITCHING DE MARKOV	
Laércio Juarez Melz Tiane Alves Rocha Gastardelo Camyla Piran Stiegler Leitner Roberta Leal Raye Cargnin	
DOI 10.22533/at.ed.46120210116	
CAPÍTULO 17	205
DESAFIOS PARA O DESENVOLVIMENTO DO COMPLEXO AGROINDUSTRIAL DO EUCALIPTO PARA AGROENERGIA NA REGIÃO NORTE DO BRASIL	
Antônio Maria Gomes de Castro Flávia Lucila Tonani Siqueira Suzana Maria Valle Lima Micaele Rodrigues de Souza	
DOI 10.22533/at.ed.46120210117	
CAPÍTULO 18	218
AVICULTURA DE POSTURA NO ESTADO DE PERNAMBUCO: ESTRATÉGIAS COMERCIAIS DE GRANDES EMPRESAS	
Tales Wanderley Vital Ana Paula Amazonas Soares André de Souza Melo Carlos Bôa-Viagem Rabello	

Yony de Sá Barreto Sampaio

DOI 10.22533/at.ed.46120210118

CAPÍTULO 19 241

RELAÇÃO DO PERFIL ACADÊMICO DOCENTE COM AS ESTRATÉGIAS DE AVALIAÇÃO DA APRENDIZAGEM DE ALUNOS DE ENSINO MÉDIO

Karllos Augusto Sampaio Junior

DOI 10.22533/at.ed.46120210119

CAPÍTULO 20 254

ANÁLISE DE FATORES MOTIVACIONAIS NA PRÁTICA PEDAGÓGICA DOCENTE: ESTUDO DE CASO NA ESCOLA ESTADUAL J.K.ASSAF

Andréia Rosely Cardoso Bindá
Thomas Michael da Silva Corrêa
Yonária Verusca Alves da Silva
Enily Vieira do Nascimento
Marcello Pires Fonseca

DOI 10.22533/at.ed.46120210120

CAPÍTULO 21 265

REPRESENTAÇÕES SOCIAIS DE CIÊNCIA, TECNOLOGIA E SOCIEDADE NO ENSINO MÉDIO

Emerson Machado de Carvalho
Gleyce Hellen de Almeida de Souza
Renata Marchiori
Isabelle Azevedo Borges
Rodrigo Matheus Pereira
Liliam Silvia Candido

DOI 10.22533/at.ed.46120210121

CAPÍTULO 22 279

FORMAÇÃO TÉCNICA INTEGRADA E DESENVOLVIMENTO SOCIAL: AS PROPOSTAS DE UM CURSO DE INFORMÁTICA, O PERFIL E AS EXPECTATIVAS DE ESTUDANTES

Ednéia Martins Ferreira de Souza
Maria Izabel Rodrigues Tognato

DOI 10.22533/at.ed.46120210122

CAPÍTULO 23 291

O ENSINO SUPERIOR COMO FATOR DE DESENVOLVIMENTO REGIONAL: A CONCEPÇÃO DA CRIAÇÃO DA FACILCAM E SEU LEGADO

Dalva Helena de Medeiros

DOI 10.22533/at.ed.46120210123

CAPÍTULO 24 299

A CULTURA ABRANGE A EDUCAÇÃO?

Adelcio Machado dos Santos
Suzana Alves de Moraes Franco

DOI 10.22533/at.ed.46120210124

CAPÍTULO 25	306
CONTEXTO MUSEALIZAÇÃO/PATRIMONIALIZAÇÃO E O PROJETO MODERNO REPRESENTADO NO MUSEU DE ARTE MODERNA DO RIO DE JANEIRO	
Tatiana da Costa Martins Diana Farjalla Correia Lima	
DOI 10.22533/at.ed.46120210125	
CAPÍTULO 26	325
DIPLOMACIA MUDIÁTICA E OS TEMAS DA AGENDA INTERNACIONAL NOS NOTICIÁRIOS DAS REVISTAS DE GRANDE CIRCULAÇÃO DO BRASIL – ESTUDO DE CASO NAS REVISTAS VEJA E ÉPOCA NO PRIMEIRO SEMESTRE DE 2018	
Marco Paulo Bastos Souto Vieira Sales	
DOI 10.22533/at.ed.46120210126	
CAPÍTULO 27	345
RECONSTRUINDO <i>REDES INVISÍVEIS</i> : A JUVENTUDE DE FERREIRA GULLAR EM SÃO LUÍS/MA	
Walmir de Faria Júnior	
DOI 10.22533/at.ed.46120210127	
SOBRE O ORGANIZADOR	358
ÍNDICE REMISSIVO	359

RE (EXISTIR): O ENCONTRO COM O CONGADO MINEIRO

Data de aceite: 06/01/2020

Nayara Cristina Almeida

Graduação em Dança pela Escola de Belas Artes da Universidade Federal de Minas Gerais. Mestranda em Artes, Urbanidades e Sustentabilidade pela UFSJ.

São João Del Rei/MG

Adilson Siqueira

Professor da Universidade Federal de São João del Rei.

São João Del Rei/MG

Rhaysa Jacob Caroline Santos

Graduação em Arquitetura e Urbanismo pela Universidade Federal de São João del Rei. Mestranda em Artes, Urbanidades e Sustentabilidade pela UFSJ.

São João Del Rei/MG

RESUMO: Este trabalho tem como objetivo analisar a relação dos grupos de Congado com a cidade, por meio de uma investigação acerca de sua cultura, ritos e produção artística. Através de um encontro de duas pesquisadoras que vivem o Congado e compartilham as experiências dos seus trabalhos de conclusão de curso, as ideias, propostas, apontamentos, reflexões, observações e análises aqui apresentadas foram entrelaçadas criando novos contextos a partir do tema. O Congado se anuncia nas entrelinhas deste artigo como resistência e

forma de existir do negro congadeiro no Brasil, em seus diversos espaços: nas ruas, igrejas, escolas e cidades. O espaço como lugar de afirmação de identidade, expressão popular, criação, apropriação e compartilhamento, é também um espaço que habita e hesita a arquitetura e a dança, em um novo lugar que existe e resiste.

PALAVRAS-CHAVE: Congado, resistência, arquitetura, dança.

RE (EXIST): THE MEETING WITH THE CONGADO MINEIRO

ABSTRACT: This work aims to analyze the relationship of Congado groups with the city, through an investigation about their culture, rites and artistic production. Through a meeting of two researchers who live the Congado and share the experiences of their course work, the ideas, proposals, notes, reflections, observations and analyzes presented here were intertwined creating new contexts from the theme. The Congado announces itself between the lines of this article as resistance and way of being of the black congadeiro in Brazil, in its diverse spaces: in the streets, churches, schools and cities. Space as a place of affirmation of identity, popular expression, creation, appropriation and sharing, is also a space that inhabits and hesitates architecture and dance, in a new place

that exists and resists.

KEYWORDS: Congado, resistance, architecture, dance.

11 - O CONGADO NO BRASIL

A cultura do Congado remonta a história do Brasil Colônia. Representa a mistura de etnias de origem Bantu (Povo que viveu na região da África Subsaariana. Dominavam grandes territórios, por esse motivo, englobavam diversas etnias, transformando sua cultura na mais rica de todas) que conviviam entre si naquela época, carregando consigo características de cada uma delas. Predominantemente afrobrasileiro, o Congado é um conjunto de danças e ritos que narram histórias de lutas e feitos do povo negro desde os tempos da escravidão com objetivo de coroar o rei Congo: representante dos negros e símbolo de resistência desse povo. Segundo o IPHAN, 2016 (Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional), o enredo do Congado conta com figuras importantes na construção desta rica expressão cultural, são elas: Chico Rei, São Benedito, Nossa Senhora do Rosário, Nossa Senhora Aparecida, Nossa Senhora das Mercês, Santa Efigênia e Carlos Magno. Além de personagens que carregam uma rica simbologia nacional: o caboclo, o índio, o homem sertanejo e o marinheiro. Com seus ricos cortejos repletos de cores, cantos e danças, saem às ruas da cidade entre jovens e idosos celebrar sua fé.

Características do interior do Brasil, as guardas de congado carregam em sua essência a tradição oral nas quais os conhecimentos são repassados de geração a geração. São formadas por pessoas simples, muitas vezes semianalfabetas ou analfabetas, que vivenciam a tradição e a recriação da tradição como parte de suas vidas cotidianamente, utilizando a oralidade como suporte de suas memórias. Nesse contexto, a aprendizagem acontece em entremeios e imbricações de narrativas, práticas culturais, relações e interações ligadas às vivências e experiências familiares e comunitárias. As crianças convivem e são educadas nesses processos de aprendizagem, nos quais a escrita (tão privilegiada pela escola) nem sempre é o meio de informação e comunicação preponderante. É de suma importância conhecer delas, e a partir delas, como percebem esses processos e quais implicações exercem sobre as mesmas. É grande a participação de crianças no Congado; observa-se que desde bebês acompanham e dançam com suas mães. Quando têm seus filhos, as mulheres congadeiras não deixam de dançar e sair para as festas com as guardas, levam seus filhos ainda amamentando, dançam e cantam com eles nos braços. Quando as crianças começam a andar já fazem o uniforme para os pequeninos. À medida que vão crescendo, vão aprendendo a tocar, a cantar e a dançar e assim vão conquistando espaços e funções. Aqueles que sobressaem e demonstram maior envolvimento e “devoção” são preparados para os cargos de capitães, reis, rainhas e outros (OLIVEIRA, 2011, p.43).



Figura 1: Jovem Congadeira e Figura 2: Cortejo à princesa Isabel

Fonte: Thaís Marra Fotografia

21 - A IDENTIDADE NEGRA

O Congado representa resistência, orgulho e apego à ancestralidade. “A identidade negra pode ser física e não psicológica, ou, mais raramente vice-versa.” (CHARLES, Christopher A.D, 2013. p.16). Segundo o autor, para que a identidade negra seja plenamente enraizada no indivíduo considerando sua vivência em um contexto global eurocêntrico, cujo referencial de imagem e beleza é branco, magro, cabelo liso e olhos claros, é preciso um processo de autoaceitação do indivíduo que ainda não se identificou psicologicamente com suas origens. Esse processo passa resumidamente por quatro fases: 1- Assimilação: Onde o sujeito mantém seus impulsos de rejeição das suas origens por creditar a ela toda a carga de preconceitos que recebe. 2- Imparcialidade: Deixará aos poucos de enxergar que suas características físicas são um empecilho à sua vida em sociedade. 3- Conflito interno entre o preconceito sofrido e orgulho negro com forte interesse pela causa. 4- Internalização da afrocentricidade: O sujeito se sente confortável com sua identidade. Nesse contexto é importante salientar que expressões culturais de origem negra são importantes células de mudança de paradigma através da arte que professa.

Tão importante quanto parte da cultura do Brasil, o Congado vai além quando se trata de valor étnico e identitário. Em diversas partes do país, por muitas vezes o Congado foi julgado por autoridades civis e eclesiásticas como afronta à sociedade. Já foi proibido de sair às ruas, considerado crime, sofreu preconceito étnico e racial, entre tantas outras formas de opressão. No entanto, a cultura continuou viva nos terreiros, nas casas e nas ruas. Em Memória e Patrimônio: Ensaio Contemporâneo

(2003), Regina Abreu e Mário Chagas falam sobre “patrimônio espiritual” onde é possível tirar do homem sua liberdade de manifestação, seu direito à cidade, no entanto, não se tira aquilo que está dentro de si.

A resistência é uma necessidade que inspira as pessoas, o Congado tem em Chico-Rei o símbolo disso: coragem e dignidade de se mostrar rei. É essa a inspiração que faz muitos jovens seguirem as tradições. A Lenda de Chico-Rei é passada de geração em geração pelos Congadeiros. Sua história tem uma representatividade muito importante. É exemplo de luta e resistência. De acordo com NERY, Cristiane (2012), Chico era o rei de sua tribo na África, com a captura de negros para o regime escravista, ele foi preso e transportado para o Brasil. A partir de então, Chico passou trabalhar nas minas de ouro e o pouco que conseguia desviar de seus feitores servia para comprar a alforria de outros escravos. Construiu a Igreja de Santa Efigênia em Vila Rica e lá, com a presença de inúmeros escravos libertos por ele, foi coroado rei. O rei negro em um Brasil escravista. Nos anos seguintes passou-se a coroar os reis negros no Congado. As coroações acontecem até hoje. Sendo assim, em um período amplamente dominado pela Igreja Católica, o sincretismo religioso, foi a forma utilizada pelos negros escravizados para manifestarem seus cultos e suas crenças. A Igreja exerce grande influência até os dias atuais. Segundo o Inventário do Congado da cidade de Oliveira, essa influência e subordinação era tamanha, que as primeiras festas aconteciam dentro das capelas e santuários, geralmente, igrejas do Rosário, construídas pelos escravos e destinadas a eles.

O Brasil é um país formado por inúmeros povos: indígenas, africanos, europeus e asiáticos que endossam essa mistura, no entanto de uma coisa se tem certeza, o sangue negro africano corre nas veias da maioria do povo brasileiro. É nesse sentido que é preciso reafirmar o valor de expressões culturais como o Congado em uma época em que o Brasil passou a se considerar mais negro. Segundo o IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística), em 2010, 97 milhões de pessoas se dizem negras (pretas ou pardas) contra 91 milhões de pessoas brancas e 2,5 milhões se consideram amarelos ou indígenas. Isso significa representatividade, uma vez que as pessoas que se sentem pertencentes a esse grupo, antes se consideravam pardas. Com a difusão dos meios de comunicação e redes, é possível observar pessoas assumindo suas raízes através das roupas e acessórios que utilizam, religiões que professam e modo como interagem.

No Congado, o protagonismo é todo do negro. O cortejo conta com figuras como Princesa Isabel e sua realeza, no entanto, quem fecha o desfile é o Rei Congo e sua Rainha, majestosos em seus trajes típicos de estampas coloridas e pele de guepardo. O Congado, por meio de sua cultura, promove em escala local e regional a transformação de mentes e corações através de suas danças e canções emocionadas. Possui a sensibilidade para atingir as pessoas de maneira positiva,

por meio da criação de diversos símbolos de valor afetivo.

3 I - A RESISTÊNCIA SOCIOESPACIAL

O direito ao espaço urbano e a mobilidade é assegurado na Constituição Federal a todos os cidadãos. Inúmeras manifestações, sejam elas culturais ou ideológicas já tiveram seu direito de utilizar o espaço urbano como forma de expressão tolhido por interesses políticos, religiosos ou econômico de maneira recorrente, como pode ser observado nos meios de comunicação. O Congado carrega em sua história, uma extensa batalha pela sobrevivência e pelo direito de se manifestar na cidade. No trecho abaixo, é possível observar o racismo e preconceito por parte da mídia em relação ao Congado Oliveirense:

O reinado além de emprestar ao catolicismo, aparentemente um cunho de idolatria que a sublime religião de Cristo absolutamente não tem, atentava da maneira a mais grosseira e irrisória contra os nossos foros de cidade civilizada. (...) Não vemos tradição nossa, na reprodução de costumes selvagens importados da África, com as primeiras levas de escravos trazidos daquelas paragens. Mas ainda que se tratasse de uma tradição, não há motivos para conservá-la por tão pouco de vez que não se coaduna com o nosso grau de civilização (Gazeta de Minas, 1923, p1).

Houve um tempo em que o Congado na cidade de Oliveira, passou a ser considerado crime devido as proibições imposta pela Igreja Católica e apoiada pela sociedade civil. Não há registro de datas, acredita-se que tenha ficado sem sair às ruas por cerca de 5 anos. Nesse período alguns ternos insistiram em sair e alguns de seus membros foram presos. Um dos cânticos mais profundos entoados pelos congadeiros veio desta época: *“Nêgo não roubô, nêgo não matô, fez nada... Vou pedir Santa Efigênia pra ser minha advogada”* (Canção entoada pela Capitã da guarda de Moçambique Santa Efigênia durante a missa Conga em 15/05/2016 em Oliveira, MG).

A partir da década de 70, com a Teologia da Libertação, a Igreja se tornou mais flexível em relação ao Congado, passando inclusive a incentivar sua cultura, no entanto, o que mais chama a atenção neste contexto é a resistência das guardas congadeiras. Com coragem, fé e determinação não abandonaram o chamado de sua Mãe do Rosário percorrendo ruas do centro, da periferia, do bairro do rico e do bairro do pobre, afinal, todos merecem ser ungidos com as bênçãos de Nossa Senhora!

4 I - O ENFRENTAMENTO AO RACISMO

O congadeiro resiste diariamente ao racismo, a intolerância religiosa e as diversas dinâmicas sociais e raciais, não obstante em suas expressões artísticas, mas também nas ruas, nas escolas e pelo próprio catolicismo, atrelado a sua origem

no Brasil. Nesse sentido, vale ressaltar que o preconceito e racismo com crianças negras nas escolas brasileiras são lutas diárias, e precisam ser desconstruídas com urgência, como nos aponta o Ministério da Educação, na obra: “História e Cultura Africana e Afro-brasileira na Educação Infantil”:

[...] essas situações têm sido sistematicamente denunciadas pelo Movimento Negro Brasileiro ao longo da sua história e pelos demais parceiros na luta por uma educação antirracista. Em sua pauta de reivindicações políticas, esse movimento social sempre incluiu a urgência de uma escola democrática que reconheça, valorize e trate de forma ética e profissional a diversidade étnico-racial. Uma escola que não reproduza em seu interior práticas de discriminação e preconceito racial, mas que, antes eduque para e na diversidade. Uma escola que se realize, de fato, como direito social para todos, sem negar as diferenças (BRASIL, 2014, p. 13).

A lei 10.639/03 foi promulgada no ano de 2003 e sancionada pelo ex-presidente Luíz Inácio Lula da Silva. Com a criação dela, ficou estabelecido a obrigatoriedade do ensino da história e cultura africana e afro-brasileira na educação básica, nas instituições de ensino públicas e privadas de ensino fundamental e médio. Em 2008, houve uma alteração na mesma legislação, incluindo também a obrigatoriedade do ensino da história e cultura indígena. Essa alteração transformou a nova legislação, que passou a vigorar sob o número 11.645/08. Esse foi um marco inicial para a promoção de práticas político pedagógicas de enfrentamento ao racismo e sua dinâmica de exclusão, promovendo práticas na escola que valorizem a cultura afro-brasileira como formadora da sociedade brasileira com toda sua história, como aponta o Ministério da Educação no livro “História e Cultura Africana e Afro-brasileira na Educação Infantil”:

No Brasil, a partir da promulgação da lei 10.639/03 e das Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-brasileira e Africana, foi estabelecido um marco legal, político e pedagógico de reconhecimento e valorização das influências africanas na formação social, política e econômica do país. Foram criadas, ainda formas efetivas para o enfrentamento e a eliminação do racismo e da discriminação nos contextos educacional e social (BRASIL, 2014, p. 7).

No meu contato com a educação básica, através dos estágios docentes do curso de Dança, observei que muitas crianças relatam que não se sentem “abraçadas” para tratarem de suas trajetórias e de suas heranças culturais, uma vez que, em suas escolas são recebidas com muito preconceito e racismo ao falarem do congado. Oliveira (2011), ao mencionar as crianças congadeiras de Pedro Leopoldo, nos aponta que, ao falar do congado, em suas escolas, essas crianças se oprimiam e sentiam-se constrangidas, enquanto nos cortejos e nas festas do congado isso não acontecia:

Percebi na escola, então, que muitas crianças que ali estudavam eram congadeiras. Ao conversar com elas e abordar a questão do congado, observava o seu constrangimento e a recusa a falarem sobre o assunto. Passei a observar de maneira mais crítica os motivos desse constrangimento (OLIVEIRA, 2011, p. 10).

5 I - A LEI 10.639/03 E O CONGADO NAS ESCOLAS: PROPOSIÇÕES DE ENSINO-APRENDIZAGEM EM DANÇA

Nesse sentido, propôs-se com o Trabalho de Conclusão de Curso intitulado: “A lei 10.639/03 e o congado nas escolas: proposições de ensino-aprendizagem em dança, ”comparar, discutir e abordar as diversas possibilidades de desenvolvimento e recepção por parte dos estudantes, do “tema congado”, em duas escolas com realidades distintas: a Escola Paulo Freire em Senador Modestino Gonçalves, no Vale do Jequitinhonha e a Escola da Serra, em Belo Horizonte. Buscou-se, portanto, selecionar uma escola onde existia alta possibilidade da presença de crianças congadeiras entre os estudantes para verificar no que isso implicaria, e outra escola onde preveu-se que as crianças tinham pouco contato com essa expressão da cultura popular, da forma vivenciada pelos participantes dos congados mineiros.

As vivências propostas nas duas escolas, se embasaram na imersão da pesquisadora nos festejos do congado em cidades mineiras, dentre elas: Senador Modestino Gonçalves, no Vale do Jequitinhonha, e na Região Metropolitana, nos municípios de Azurita, Juatuba e Itatiaiuçu. O entrelaçamento das ideias e dinâmicas artísticas atrelaram-se a pesquisa do movimento em dança no congado, com práticas de experimentação, apropriação e criação em dança através do contato com essa expressão cultural.

O planejamento da aula constitui-se por seis vivências: Vivência I- apresentação em roda. Vivência II- Contação de história, livro “Benedito”. Vivência III- o congado de Senador Modestino Gonçalves em vídeo. Vivência IV- apreciação, experimentação e apropriação artística. Vivência V- proposição de passos de dança do congado e de um cortejo. Vivência VI: roda de conversa e reflexão.

Com essa proposta de dança e congado em dois contextos histórico, social, cultural e racialmente distintos, pôde-se observar e refletir acerca da recepção do tema pelas crianças com idades entre 7 e 10 anos. Alguns pontos esperados desde o início foram realmente evidenciados, como em Senador Modestino Gonçalves, no Vale do Jequitinhonha, onde as crianças se apropriaram mais do tema e expressaram alegria ao verem conhecidos e até mesmo colegas de turma sendo exibidos no vídeo das festas de Nossa Senhora do Rosário e Folia do Divino.

As crianças ficaram ainda mais surpresas quando viram os trigêmeos da turma nas imagens, a menina vestida de princesa, e os dois de príncipes. E disseram empolgados: “Olha eles tia”, e os irmãos ficaram muito felizes por se verem e serem anunciados pelos colegas (ALMEIDA, 2017, p. 68).

Na Escola da Serra, em Belo Horizonte, contrariamente ao previsto, as crianças abraçaram o tema com muita disponibilidade e nas duas escolas, todas as crianças participaram de todas as vivências. A intensidade da experiência foi bem diferente, e isso se relaciona muito com o contexto. Os estudantes da Escola da Serra, não se atentaram muito aos símbolos e significados do tema, mas na vivência de criação através dos movimentos do congado, eles tiveram escuta, sensibilidade e disponibilidade. O que marcou essa experiência com o congado na Escola da Serra, foi ter tido a oportunidade de conhecer o menino Yan, que tivera em algum momento de sua vida o contato com guardas de congado e esse “pequeno mestre” nos ensinou em cada contribuição na aula.

Em cada vivência, Yan tinha um brilho nos olhos que não cabiam mais naquele rostinho alegre e saltitante, e mais uma vez Yan nos surpreendeu ao organizar sozinho todo o cortejo proposto na vivência de dança do congado. Quando eu disse que íamos fazer um cortejo dançando, cantando, tocando e festejando o congado, Yan logo pediu para chamar os colegas na ordem do cortejo, e a Professora Anna Vitória propôs que ele começasse e se precisasse eu interviria. Ele logo falou: “vem com a bandeira”, apontando para o colega que carregava o primeiro símbolo do nosso cortejo, e depois os bastões, para protegerem a bandeira. Quanta felicidade poder aprender com meus pequenos mestres! Eu pensava que só os encontraria nas festas do congado, mas não, as nossas salas de aulas, estão repletas deles, só precisamos nos abrir, e valorizar a sabedoria dos pequenos (ALMEIDA, 2017, p. 80).



Figura 3: Yan organizando o cortejo

Fonte: arquivo pessoal

O que ficou mais forte na análise, desses dois contextos tão distintos, que naturalmente acolheram o tema também de maneira muito plural, foi a diversidade cultural encontrada em cada uma das escolas. Independentemente dos contextos sociais, regionais, econômicos e culturais, existiam crianças congadeiras nas duas escolas. Na Escola Paulo Freire, no Vale do Jequitinhonha, eram três crianças congadeiras, e na Escola da Serra, em Belo Horizonte, notamos a presença de um menino congadeiro. Nas duas escolas, as crianças se sentiram à vontade para

expressarem e compartilharem conhecimentos sobre o congado, e, inclusive, as professoras relataram após as vivências, que as crianças que mais participaram das minhas aulas, foram crianças que nunca tinham participado daquela maneira em outras atividades. No caso específico do Yan, na Escola da Serra, a Professora Anna Vitória relatou que ele nunca havia dito uma palavra sobre as aulas de dança nos momentos das rodas de conversa.

Então, o resultado desse trabalho são os processos de ensino-aprendizagem propostos baseados no meu próprio aprendizado no contato com os muitos mestres que encontrei pelo caminho que trilhei. Desde a escolha do tema, ao diálogo com a minha família, com os amigos, com os congadeiros e as congadeiras, com as professoras, com a escola e com a rua. Os espaços educativos foram amplos e ricos: da rua à escola, do rural ao urbano, do pobre ao rico, de criança à criança. E foi quando “me dei conta”, de que elas possuem a mesma essência, e que essa essência, sem preconceitos, nos permite agir em tempos tão temerosos, sempre com a convicção de que as crianças nos dão a esperança de seguir, de aprender a cada dia acreditando nas nossas raízes. E ao propormos os processos de ensino-aprendizagem nas escolas, é também na educação delas que garantimos a continuidade das nossas tradições e da nossa identidade.

O Congado é movimento e encontro interdisciplinar, a partir da proposta que foi apresentada entre o diálogo da urbanidade e da dança. A experiência do Congado em nossas trajetórias acadêmicas, apesar de distintas em área de atuação, nos possibilitaram uma nova visão no campo da experiência pessoal, familiar e afetiva com a Festa do Rosário. Trabalhar com o Congado nesse novo contexto ressignificou nossa relação com o mundo sensorial, do espaço que habitamos entre o rural e urbano e tudo aquilo que nos habita em um movimento que transcende a fé, a tradição, o pertencimento e o re(existir).

REFERÊNCIAS

ABREU, Regina. **A Emergência do patrimônio genético e a nova configuração do campo do patrimônio**. In: ABREU, Regina; CHAGAS, Mário (Orgs.). *Memória e patrimônio: ensaios contemporâneos*. Rio de Janeiro: DP&A, 2003. p. 30-45.

ALMEIDA, Nayara Cristina. **A lei 10.639/03 e o congado nas escolas: proposições de ensino-aprendizagem em dança**. 2017. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em Dança) – Escola de Belas Artes, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2017, 100p.

BRASIL. Ministério da Educação. **História e Cultura Africana e Afro-brasileira na Educação Infantil**. Disponível em: <<http://www.acordacultura.org.br/artigos/28032014/historia-e-cultura-africana-e-afro-brasileira-na-educacao-infantil>>. Acesso em: 05 de abr. 2017.

Charles, Christopher A. D. (2013-12-26). **"The Process of Becoming Black: Leonard Howell and the Revelation of Rastafari"**. Rochester, NY: Social Science Research Network. *SSRN 2372178*.

IBGE (INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA). **Características da população brasileira**. Rio de Janeiro: 2010. Disponível em <<http://www.brasil.gov.br/educacao/2012/07/censo-2010-mostra-as-diferencas-entre-caracteristicas-gerais-da-populacao-brasileira>>. Acesso em 21/08/2017.

LEÃO, Monsenhor. **O Congado em Oliveira**. Edição nº 1836. Oliveira: Jornal Gazeta de Minas, 27 de maio de 1923. p1. Ano XXXVII.

NERY, Cristiane. **Um olhar sobre o Congado das Minas Gerais**. Belo Horizonte, 2012. Disponível em: <<http://www.ed.uemg.br/publicações/livros/2012>>. Acesso em: 20 de ago. 2017.

OLIVEIRA, Cláudia Marques. **Cultura Afro-Brasileira e Educação: significados de ser criança negra e congadeira em Pedro Leopoldo** – Minas Gerais, 2011. Dissertação (Mestrado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Federal de Minas Gerais. Belo Horizonte, 2011.

SANTOS, Rhaysa Caroline Jacob. Aruanda: **A Casa do Congadeiro**. 2017. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharelado em Arquitetura e Urbanismo) - Universidade Federal de São João del Rei, São João del Rei, 2017. 80p.

ÍNDICE REMISSIVO

A

Abacaxi 158, 159, 160, 162, 163, 164, 165, 166, 167, 168, 169, 170, 171, 172, 173

Acolhimento 106, 109

Afetividade urbana 122

Anteprojeto arquitetônico 106, 115

Arborização urbana 64, 65, 72, 73, 86, 100, 101, 102, 103, 104

Área central 33, 34, 59, 73, 77

Áreas verdes urbanas 74, 75, 76, 86

Arquitetura 1, 2, 3, 4, 5, 6, 7, 21, 23, 51, 53, 54, 64, 103, 111, 120, 130, 139, 306, 307, 308, 309, 310, 311, 313, 314, 316, 317, 318, 320, 321, 322, 323

Avaliação ambiental 74, 87

B

Bovinocultura de corte 174, 176, 177, 184, 185

C

Cidades inteligentes 23, 24, 25, 26, 32

Comércio virtual 88, 89, 90, 92, 94, 95

Comunicação 24, 25, 26, 27, 90, 95, 122, 123, 124, 125, 127, 128, 129, 131, 133, 134, 147, 172, 173, 238, 267, 307, 308, 319, 326, 327, 328, 329, 330, 331, 332, 333, 334, 336, 341, 342, 343, 350, 351

Comunidade 26, 65, 67, 72, 74, 76, 80, 81, 85, 103, 122, 123, 124, 125, 126, 127, 128, 146, 147, 153, 243, 272, 285, 293, 315, 334, 340

Confinamento 174, 175, 176, 177, 178, 179, 180, 184, 185

Congado 130, 131, 132, 133, 134, 135, 136, 137, 138, 139

Contraste 1

Consumidor 88, 89, 90, 94, 95, 96, 98, 124, 144, 150, 157, 164, 165, 166, 169, 190, 205, 208, 209, 219, 235

Cultivo 104, 123, 141, 158, 159, 160, 162, 163, 164, 166, 170, 173, 205, 210, 214, 216

D

Dança 130, 135, 136, 137, 138

Democracia 8, 10, 11, 264, 304, 337, 339, 356

Direito à cidade 8, 14, 19, 133

Direito urbanístico 8

E

Ecologia 88, 89, 91, 100, 101

Espaços públicos 16, 52, 53, 54, 63, 65, 66, 86, 124

Estética comunicacional 122

F

Fitossociologia 100, 101, 104

G

Gestão ambiental 73, 74, 76, 80, 86, 87, 98, 278

I

Idoso 106, 107, 108, 109, 110, 111, 113, 115, 120, 121, 131

M

Marketing 89, 90, 92, 97, 98, 99, 201, 203, 217, 223, 224, 235, 237, 238

Mercado sul vive 122, 123, 124, 126, 127

Mineração de dados 24, 25, 26

Mobilidade urbana 33, 34, 35, 37, 38, 39, 40, 41, 49, 50

Modelos não lineares 186

P

Paisagismo 11, 52, 53, 55, 64, 110, 314

Patos 33, 34, 35, 36, 37, 40, 41, 42, 43, 44, 45, 46, 47, 49, 51, 53, 55, 56, 63, 106, 107, 109, 111, 114, 121

Percepção ambiental 65, 66, 72, 278

Pesquisa 1, 2, 4, 27, 33, 34, 40, 42, 49, 55, 64, 72, 74, 77, 78, 79, 80, 81, 84, 85, 87, 88, 91, 109, 110, 113, 121, 122, 123, 127, 129, 136, 140, 145, 146, 147, 152, 155, 157, 158, 160, 165, 168, 170, 171, 172, 173, 180, 182, 183, 184, 185, 186, 188, 192, 193, 194, 195, 196, 197, 198, 199, 200, 202, 208, 215, 216, 217, 222, 223, 225, 236, 238, 242, 243, 246, 247, 248, 249, 250, 251, 253, 260, 261, 264, 265, 266, 268, 269, 272, 275, 276, 277, 278, 279, 280, 281, 282, 283, 292, 293, 294, 297, 306, 307, 308, 311, 321, 323, 325, 336, 337, 338, 339, 341, 347, 349, 352, 357, 358

Planejamento ambiental 74

Plano diretor 8, 14, 15, 17, 18, 19, 21, 22

Pós-moderno 1, 2

Praça 3, 41, 51, 52, 55, 56, 57, 58, 61, 65, 66, 67, 68, 69, 70, 71, 73, 103, 104, 105, 351

Processo 8, 11, 14, 15, 21, 22, 28, 33, 34, 35, 51, 75, 76, 77, 78, 82, 84, 90, 92, 94, 98, 108, 122, 123, 126, 132, 141, 144, 149, 150, 154, 158, 159, 160, 161, 162, 163, 164, 166, 167, 168, 169, 170, 171, 209, 213, 223, 225, 233, 242, 249, 251, 252, 254, 256, 257, 258, 259, 261, 262, 263, 267, 274, 281, 291, 292, 293, 294, 301, 302, 303, 304, 306, 308, 311, 317, 318, 319, 328, 330, 332, 333, 349, 356

R

Regimes de markov 186

Residência para idosos 106, 120

Resistência 4, 5, 127, 130, 131, 132, 133, 134, 141, 157, 296

Revivação 122

S

Segurança pública 23, 24, 26, 30, 31, 32

Silvicultura urbana 100

Sintaxe espacial 51, 52, 53, 54, 55, 56, 58, 59, 63, 64

Sociologia urbana 8

Suinocultura 186, 187, 188, 201, 202, 203

T

Tecnologia 5, 6, 24, 25, 27, 95, 125, 140, 155, 156, 162, 172, 173, 213, 217, 223, 224, 229, 254, 263, 265, 266, 267, 268, 269, 270, 271, 272, 273, 275, 276, 277, 278, 280, 283, 287, 289, 308, 335

V

Viabilidade econômica 174, 175, 176, 185

 **Atena**
Editora

2 0 2 0